

VIVENCIA NOTURNA

Quantas vezes percorri a extensao deste litoral
como um animal rejeitado e feroz
espreitando as sombras da noite !
Violento e irritado pelos genios do mal,
caminho arrebatado por estranha sensibilidade...
A unica coisa que depende de mim e estar tranquilo,
Por isso ando desconfiado e ensimesmado,
cacador de mulheres
a vagar pela orla pontilhada de luzes
espelhadas no mar.
Atormentado pelo fantasma da insonia
e abominando a estupidez dos canalhas,
caminho proscrito neste desvao de angustia,
com asco.
Tenho por liberdade a rebeldia
e por esperanca as aguas escuras de Atlantico.
O desgosto ja nao importa,
tenho a insociabilidade dos que perderam a ilusao.
Ando risonho porque sublimei as frustracoes.
Ebrio de mim mesmo,
sento-me de costas para o mundo,
isolado em mim, afasado da multidao,
apenas o fascinio do mar
e o enigma das estrelas me interessam.
A imensidao do oceano
e a altitude infinita dos astros
representam as dimensoes inalcançaveis do amor.

NOITE CEARENSE

A Tarcisio Barros Leal

Alegria de sentir a noite equatorial
e saber que alem destas sombras
existe o pleno dia que acende perolas radiantes.
Os lencois do vento cobrindo os leques do arvoredos.
Alem dos barulhos da cidade,
meditar sobre a nossa casa num campo celestial.
Alegria de saber que acima desta noite,

alem da miseria terrena
ha um jardim de luz
que recende o perfume das origens.
Caminhar entre os canteiros
assistido pela natureza.
Abrir os bracos e receber as dadivas do Acarati,
ar puro que lava o corpo
e preenche o espirito de harmonia.
Ar noturno de apraziveis oferendas,
doce como as caricias dos amantes
e a bondade dos amigos.
O vento, irmao da nossa infancia,
terno companheiro de quem ama as noites,
navegante do hemisferio,
anjo maritimo.
Segredo decifrado pelo codigo do amor.

Fortaleza, 30 de agosto de 92.

RUA CARLOS VASCONCELOS

A Rubem Amaral Junior

A tarde de domingo tem sabor de infancia
mas so as arvores ainda se lembram de mim.
Desde que parti,
o fim do seculo arqueja sobre os telhados
e o espanto desfigurou a rua
como o rosto do menino nas esquinas de outrora.
Busco o que restou de mim
nos remoinhos que carregam a juventude
na poeira dos caminhos de antigamente...
Vejo-me nos meninos de agora,
mas os que tinham meu rosto sao ja os do passado.
Onde a calcada em que descobria meus brinquedos?
Onde a casa de meu avo, minha casa?
Volto sempre em sonhos a casa que ja nao existe,
mas existe muito mais agora,
so porque foi demolida
e posso ve-la mais real que se estivesse ali.
Onde o caminho de aventuras do mar?
e o castelo em ruinas?

e o devaneio da Praia do ideal?
Cerraram horizontes.
Mudou-se o amigo que morava em frente,
adiante semearam um edificio,
mas a rua ainda guarda o misterio daqueles jardins
e ainda resta um resquicio de humanidade na Aldeota.
Mas, rua Carlos Vasconcelos,
ve o que fez de nos o vento da mudanca!

FORTALEZA REVISTADA

A Jose Helder de Sousa

Revi o atrativo azul tremulante,
candelabros de castelos no poente.
Alem do alarido da maquina urbana,
o grande painel de espectros
e a evasao dos vultos entre frestas de quadrantes
e o sono das coisas na enseada de tenebras.
Passaros de nevoa estao incolumes.
A ganancia imobiliaria ainda nao devastou
os agrestes de cactus e os sitios de paz
onde o passaredo e os bois
anunciam que nem tudo se perdeu nos horizontes do mar.
A confusao dos labirintos das vitrines
e das maquinas de aco
crava muralhas nos quintais atlanticos,
mercantilizando as salinas de Agua Fria.
Praias cheias de ociosos,
ruas esburacadas no aturdimiento do transito
e na selvageria dos sorvedouros de dinheiro
onde meninos esmolam
sob as janelas enfermas da casa de misericordia
e no velho carcere,
agora pasto de indolencias que a morte ceifara.
Mas alem dos monstruosos arcaboucos,
as ruas ainda guardam
qualquer coisa de arrabaldes com muros andaluzes

LEMBRANCA

Vivo na Fortaleza
onde meus sonhos respiram silencios perdidos.
Nas ruas calmas que agora existem so em mim...
A saudade me transporta as tardes da infancia
que o tempo anoiteceu e que se eu pudesse ressuscitaria
so pra mostrar que a cidade mudou e eu nao mudei.
Sou ainda o menino solitario e pensativo,
mas a cidade perdeu os segredos pueris de provincia
ao sepultarem de cimento os jardins de quietude,
os quintais de misterio dos meus passeios amorosos.
Ate o vento se assusta com os barulhos estranhos de hoje.
O halito toxico dos carros envenenou a atmosfera
e no olhar das pessoas ha desconfianca
ao inves do romantismo
que vinha pleno do perfume daqueles jardins...

NOTURNO DA BEIRA -MAR

Lento e sonoro ritmo das franjas noturnas
a inspirar nostalgia.
Lampadario das fragatas da emocao,
ares divinos de Netuno,
santuاريو da noite cravejado de rutilancias,
noite tepida de cancoes de devaneio,
naves fantasmas sob os pantanos astrais.
A lua evoca romantismo de juventude interrompida,
halos cristalinos, efusoes de jubilo,
lua gelada, gosto de solidao.
Todo pasmo sonoro,
o fragor do apaixonado cismar.
"Que fiz da minha sorte",
brame o mar chorando angustias.
Oceano, grande irmao dos penitentes,
a gemer entre as pedras corroidas.
Murmura o vento vagando ao sabor dos desalentos.
A burguesia passa
alheia ao sussurro das ondas
rumorosos queixumes

lamentando ilusões perdidas.
Serenai, verdes mares,
ondas que se lançam contra os rochedos
ondas que evocam melodias da infância,
imagens do passado,
lembranças, migalhas que rolaram pelas calcadas,
travo da noite entornado e um acude de fel rompido
entre as mesas dos bares.
Sinto-me? Existo?
O incenso obscuro sob a égide de Eros,
estrude o orgasmo de Netuno,
soberbo rebentar indiferente.
Partamos no carro de Elias:
As canções do mar, as canções do mar, as canções do mar...

NOTURNO DA ALDEOTA

Silêncio transitório das casas na penumbra,
silêncio partido pelo ranger dos carros.
Sobrados de terracos aconchegantes,
jardins sombrios de velhas árvores:
cajueiros ancestrais ...
Rua Barão de Aracati:
quietas esquinas de mansões serenas...
O latido dos cachorros,
o balançar das flores que o vento alisa
e a rua quase deserta.
Rumor de um rádio perdido ao longe,
conversas dispersas nas calcadas,
O aspecto arejado das casas burguesas
e a choupana dos operários do arranha-céu...
(há lixo amontoado próximo ao arcabouço).
Silêncio violentado pelos barulhos das máquinas.
O olhar dos notívagos é desconfiado como o dos gatos.
Muros manchados pelas manchas do tempo,
sombrias e luzes, vozes espalhadas,
sons de canções de rádio,
varandas, paredes brancas, patios, claras encruzilhadas,
amplas mangueiras de densa folhagem.
Rua Idelfonso Albano:
esquivo e ruidoso,
um prédio desponta na alameda sonâmbula.

NO REINO DOS CAJUEIROS

A Cid Saboia de Carvalho

No reino dos cajueiros as noites sao claras
e o vento redobra quebrantos em alvorada perolas.
Passaros livres respiram nuvens nas manhas.
No reino dos cajueiros arranquei o tédio pela raiz
e me encantei com os brilhantes fluidos
do brasao da esperanca.
Na hora azul do ceu suburbano,
recebi augurios ensolarados
e um tempo de silencio
afastou de mim as palavras desesperadas.
No reino dos cajueiros o medo se resolve em sorrisos,
amanhece a frialdade azul dos sonhos,
caminho sob a lua meridional
e tudo eh uma riqueza dionisiaca.
As nuvens sao aves brancas dispersas,
a tonalidade azul eh o encanto que mais embevece.
Enquanto estremece a atmosfera do dia,
distribuo segredos aos desvalidos.
Reino dos cajueiros --- refugio da humanidade.

ASTROLABIO DE MISTERIO

A Werton Pontes de Araujo

Vamos inventar um relógio de agua
com digitos de perolas verdes,
agua da praia do futuro
e agulha de cristal da gruta de Ubajara.
Um relógio eco-logico
de ressonancias atenienses
que jamais imaginou Pitagoras.
Relógio de linhas assimetricas
que mede o tempo da amizade.

Os referenciais refletem o infinito.
O mostrador de areia de Jericoacoara
na medida de uma dizima periodica
que calcularas no computador do jardim
da casa na rua Padre Luis Figueira,
Jupiter em Peixes
na varanda em que deslizam gatos misticos,
reliquias do Egito.
Essa bussola aquariana,
entre o oceano do sonho e a nuvem do pensamento,
esse cronometro de fraternidade,
pos-moderno, cibernetico,
talisma da nova era
que plasmaras com maos de alquimista,
sera exibido ao olhar dos poetas hierofantes,
reis magos deste simbolo da infancia.
Bandeira lirica, o prodigio profetico
sera exposto nos restaurantes vegetarianos
ou na Praca do Ferreira
para encantar os saudosistas da Coluna da Hora
e cintilar nas noites da Fortaleza
dos tempos do Corrego Pajeu.

LEVAREI COMIGO A ALMA CEARENSE

A Beatriz Alcantara

"O grande flor atlantica
plantada mais em nos que no chao".
Artur Eduardo Benevides

Cajueiros de um verde imaginario,
chuva sentimental nos sertoes,
canarios encantando a vida.
Por onde eu andar
levarei comigo a alma cearense.
A tristeza do vento,
as verdes aguas do misterio,
os portais do Atlantico na memoria.
Por onde eu andar
levarei comigo a alma cearense.
O Ceara de minhas paixoes de poeta hereditario.

O sol das manhas mais no coracao do que nas cores.
Vida nas noites de alegria.
Por onde eu andar
levarei comigo a alma cearense.
Aprendi que os corpos sao sombras.
Vi festas de ouro, incenso e mirra.
Vivi horas de aconchego e pao.
-- vida feita de dizer: eu era feliz!
Por onde eu andar
levarei comigo alma cearense.

O OUTRO TEMPO

Nao havia o problema da consciencia:
a instancia dos medos.
Doce era a dadiva de respirar.
Havia o encantamento das manhas de aguas imoveis.
Vieram os redemoinhos a porta do degredo.
A arte de multiplicar o tempo era descobrir os horizontes,
As aventuras dos passeios e os frutos do quintal,
Era diversao a perspectiva do nada.
Ter coragem era entrar no Castelo da avenida Santos Dumont
ou subir na caixa d'agua
e ver as estancias da Aldeota
e o misterio dos navios.
Ate o ceu era outro:
nao refletia signos selvagens.
Crepusculo na varanda,
caminhar ao encontro das paixoes,
ouvir as revelacoes do mar.
Legendas azuis que vivi transido em jubilo.
Apenas sentir a dimensao de tal perplexidade,
sem o limite das sensacoes controladas.
Havia perfumes ao vento sob calido luar.
O segredo do encantamento era claro como ontem.

RECORDACAO DO MAR DE FORTALEZA

A Francisco Mauro Brasil de Holanda

Assim eu quero a vida minha:
Horizontes claros, aragem nas ondulações.
Alvorada de jangadas.
Cada raio de sol é um galardão de sonho.
Ondas acariciando as pedras,
lencos brancos ao vento da fortuna.
Cataventos nos vergeis, com diademas,
anforas e miragens.
Jandaias, o mar de esmeralda,
vida esbajando nas espumas.
Assim quero sempre a vida minha:
hialino colar de reflexos, marulho nas virações.
O sopro do terral na orla dos confins,
salinas de acalanto.
Fortaleza, jardim de esperança,
jangadas em festa no panorama de safiras,
flores de alacridade.
Do mar bramindo à fimbria das dunas,
o solucante enlevo.
Cada onda é uma canção de minha história.

FUTURO

A Ciro Gomes

No lugar sereno dos meus pensamentos,
ver uma pessoa e lembrar de te-la visto há 20 anos.
Sentir num perfume o antigo momento.
Respirar a brisa que o mar nos dá de graça.
Na calma imprescindível dos quintais marinhos,
horizonte musical,
vida sem pressa,
o mar e todo encanto.
É uma cristalinidade fluida.
Semeio poesia num janeiro de azulões,
chamo o vento de amigo
por suas manifestações de ternura
e aceno aos navios com olhar de aventura.
Nestes recantos de extase,
praia dos amores meus,
não permitas que eu sofra longos exílios!

As gaivotas me dizem que a cidade e feliz.
Textura cromatica da tarde cearense,
estonteio-me de encanto.
Descubro fascinacoes e apoteoses.
Brandos pomares, quintais de aromas.
Fortaleza, adoravel nome dos meus idilios.
A visao de tudo e o mar.
A miragem do infinito e o mar
O futuro e o mar.

PRAIA DO FUTURO

Voam velozes os veus dos ventos venturosos,
vastos vagos vazos difusos velam
divagando dadivas.
Torridas torres tremulas,
tingem de azuis rutilos as altitudes,
teias turvas, telas transfusas,
algidas asas alvas avancam
aureas, altas, aladas se alastram,
lavam lividas lagoas,
levitam languidas lassitudes,
idilios, lirios aereos,
ardego haustos calmos arejam frescas franjas,
fulgidos fulgores fogem flanando fluidos,
claras crostas floreas,
brandas brancas brisas,
brumas embaladas ondulam
vertentes -- o mar e um jardim etereo,
um milagre evanescente no espaco disperso,
amplos horizontes esvoacam alvoradas planas de cristal.

POR DO SOL NO MUCURIBE

Do Mirante abrem-se largos espacos:
o mar suavemente azul.
Ceu de nuvens translucidas
-- a sucessao cromatica dos paramos.
A cidade se estende em coqueiros ilhados de edificios
e alem, os contornos de Uruburetama,

muralha no pelago da imensidade.
Guaramiranga, bloco macico de cristalizacoes,
erigido sob a fulguracao torrida.
Maranguape, ondulacao imovel,
prespectiva imaginaria na vasta amplitude.
Litoral de oferendas, pavilhoes de mineralidade,
o panorama transcendental.
Na superficie da enseada
aspera arquitetura emerge
-- retangulos superpostos.
Mucuripe, provincia de dunas agrestes,
casebres que contrastam com a metropole que se agiganta.
Mucuripe, portal do Atlantico,
favela, cais, moinhos, templos e pontes,
sendas de acesso a selva urbana.
Os navios espreitam de longe o sumidouro do poente.

PORTO DAS JANGADAS

Eis-me a sentir o aroma dos quintais,
que degusto com os passaros.
Recordacoes de clarividencia.
Apaixono-me pelas branduras,
quimera que o mar volatiza.
Sou ainda aquele que cultua as madrugadas,
caricias da brisa nos veleiros.
Floreos mananciais do meu imaginario:
ravinas em turbilhoes, teia translucida, cortejo anil.
Sao meus tesouros as acrobacias das ondas,
meu imperio luminar.
Careco dos rebanhos que reverenciam as tardes,
Pois nao vi as alvoradas de cinza,
nem as palmeiras na relva das vazantes.
Fico adorando atlanticas liturgias,
lisuras do planalto aereo em festa.
Navegarei no segredo e decifrarei as espumas.
Meu refugio na exuberancia, meu silencio.
Caminhos frugais que a bruma drapeja,
meandros que se recamam, serenas escarpas...
Em crianca, de verde-marinho e roseo
idealizei minha casa,
matizes do teu ocaso, horto meu.

POR DO SOL NA PRAIA DE IRACEMA

O lento oscilar das ondas verdes
e o flutuar dos ideogramas das espumas.
Planície verde-azul,
aquele da curvatura do horizonte,
os veleiros do sonho.
Na alta atmosfera de cimos luminosos,
refrigerios, efluvios
acariciam coqueiros e castanholeiras.
O mar percute nos rochedos.
Rua dos Potiguaras:
a vida se nutre de alimentos fluidos.
Rua dos Tabajaras, varandas coloniais,
a antiga história da cidade.
Finas camadas que se alcançam da terra ao céu,
branda e leve atmosfera,
lentos vapores anoitecentes.
Na rua Ararius, memória das tradições,
espantelhos de concerto em meio às relíquias:
Além de litoral de pedras, areias,
muros de quintais, pomares meditativos,
cristalina fonte, fluidas melodias,
vagas vibrações, lumes, irradiações
alastradas nos domínios do arrebol.
Acima das águas a dança magnética,
vórtices, fulcros de efervescências,
correntes de ar,
cinza-amarelo de roseas tonalidades,
cintilações entre o ouro do tempo e as cumulações azuis,
aragem de aprazíveis sopros,
sonoridades serenas, claros, lampejos do ocaso.
A Ponte Metálica -- mirante encantado.
O Ocidente, estremecido farol da eternidade.

TEMPO REDIVIVO

A Mercedez Vasconcellos

E o tempo em que as castanholeiras deitam folhas amarelas
e a araponga das manhas martela como antigamente.
Tempo em que não havia sobressaltos
e a tarde, inocentes olhos, vojava nuvens.

E o tempo em que eu ria do sentimento da vida,
meu cuidado diminuia na proporcao do tempo.
Nao havia em mim o esmero da impecabilidade,
nem os tremores de ansia.

Quero aquele tempo sem susto,
confianca aumentando na proporcao do tempo,
perfume de esperanca nos gestos
(nao o poco de pecados de um penitente).

Alegre e o trabalho da purificacao.

Grande a obra de iluminar os homens.

Amor crescendo na proporcao do tempo.

Espero aquele tempo a que devoto o agora,
num sonho de vida a existir em paz.

(So a lua entende minha solidao).

CANTO PROVINCIANO

A Artur Eduardo Benevides

Trova.

A senda de todo sonho
e o sol da minha certeza
sao feitos da mezma espuma
desses mares de tristeza.
Os ventos da mesma sorte:
o adeus do caminho, a infancia
do destino e da beleza
sao os bosques da esperanca
sao as faces da lembranca
dos mares de Fortaleza.

ARQUITETURA LIRICA DE FORTALEZA

O Mucuripe fez-se lume de serenidade.
A ventania vai acender o facho da esperanca...
A cidade mergulha em lapides,
entrevada de tristeza nordestina,
circunscrita em amplidao caleidoscopica.
O terral soluca no Atlantico

-- brisa de lamentos cheirando a povo e peixe.

A Aldeota canta na voz dos pregoes da rua,
evocando pilastras, jardins
e manhas esgarçadas em brumas.
Os dias eram cupulas de vitrais bafejados de claridades,
desfeitos em tardes adormecidas,
desvanecidos, feudais palacios.

O Pirambu, estoico, se resigna em semblante operario,
na festa do apito do trem,
nos bares de cancoes e bebados,
nas calcadas de flores e incertezas.

LOUVACAO A FORTALEZA

Andar nas ruas familiares,
(cada esquina e parte de mim).
Respirar o aroma das arvores
na hora em que tudo e musica,
escutar o silencio nos quintais chuvosos da infancia:
basta fechar os olhos
e a memoria me transporta aos dias antigos.
Todo o cenario de visoes puras me conduz as calcadas do bairro,
meus paseios na quietude das ruas que levam a praia,
sob o veu vertiginosamente azul,
imagens que vejo:
Fortalesa das ruas noturnas e desertas.
Nao passava tanta gente nem havia tanto carro.
Aldeota - extensao de minha casa.
Nas tardes de inverno, o aquaceiro nas calcadas...
Depois da chuva, o clima nostalgico dos casaroes,
folhas dispersas, tarde adormecida
no frio da hora meditativa,
jardins macambuzios.
A Santos Dumont, a Visconde de Maua,
o entardecer oscilando no pendulo dos coqueiros.
Na rua de outrora, recordo o tempo em que vivi sonhando:
quarteiroes sombrios diante dos meus passos,
poetas irradiando plenitude no desespero do alento.
A praia, a cidade banhada em luz, opulencia matinal.

Percorro o itinerario da velha estrada do sitio,
as avenidas do Benfica e seus ares ancestrais,
o futebol aos domingos era a vida da cidade.
Quando eu nao puder mais vislumbrar a jangada,
Os quintais -- jardins de beleza imperial,
teu fascinio, cidade dos meus sonhos

- soluco dos quadrates do vento...
- Revejo as torres das igrejas, os telhados,
- a Praia de Iracema, a Ponte Metalica,
- a Praia do Pirambu. (Um dia -- meninos aventureiros,
percorriamos o litoral atraves das favelas
-- o arraial Moura Brasil: a miseria social...

Oasis de cajueiros, mangueiras, coqueiros,
bosques do Pici, musica nos galhos, passaros, cigarras,
perfume verde no vento, cores luminosas no ar das manhas.
Bairros cheios de ocios deliciosos,
as pessoas nem sentem a vida,
adormecidas
na indiferenca com que observam a cidade agigantar-se.
No Montese, no Parque Araxa, na Aerolandia,
nestes paraisos de nobeza proletaria,
tediosamente encantadora
emerge a inquietude de um povo
que acorda para o seculo da velocidade.
Mas a vida e ainda um bocejar,
um espreguicamento
ante a ganancia desesperada das sociedades morbidas.
De um mirante da casa da rua Carlos Vasconcelos,
no jardim, vejo o crepusculo
e ouco a mesma musica da solidao.
A densa folhagem, o mormaco e a pratica existencial
de cada individuo,
a interacao das pessoas no mundo de antigamente,
energia fluindo das paredes e dos corpos em transito.
Fortaleza no discurso dos camelos,
na fome dos mendigos, na ladainha dos vendedores.
Praca do Ferreira... a alegoria dos pregoes, os cantadores,
os engraxates...

Percorro os caminhos de antigamente,
o burburinho da rua Major Facundo.
Como o tempo permanece e passa e muda e nao se altera !
Evolui a historia da vida no deslizar dos seculos,
e este cenario intimo ainda e o mesmo pouso tranquilo,

a mesma cidade da infancia.

A nostalgia desenha no meu rosto esses itinerarios,
revejo em sonhos o meu refugio

--- arida terra lavada de luz ao som triunfal do Atlantico,
terra consagrada pela adoracao do mar e os afagos do vento,
em todos os recantos a paisagem se expande azul.

Praia do Futuro, harmonia dissolvida na transfiguracao do instante,
auspiciosa quietude, berco de areia -- lenitivo!

O vento Aracati acaricia e reconforta.

Parangaba, Jacarecanda, coqueiros, relva, no fim do dia.

Quintais verdejantes e edificacoes sob o ceu de nimbo.

Ao leste o farol de Mucuripe

espreitando o milagre evanescente do mar.

O mar sereno na hora pacifica.

O poente colorindo os contornos de luz.

Os coqueiros extasiados na caricia do vento.

(Fortaleza, dezembro de 1984).

CONJECTURAS DE UM PASSEIO MATINAL

Rua Adolfo Caminha...

Por que nao declara-la imortal como a rua Socrates em Atenas?

Sob o sol do nordeste brasileiro,

queiram ou nao os empresarios e os politicos,

ignorem os transeuntes, esses tragicos animais,

esta muralha de 1817 significa mais que o Coliseu.

Estes poroes, onde torturaram Barbara de Alencar e o Padre Mororo,

apesar da ignorancia da populacao,

e mais importante que a Torre Eiffel.

E embora se permita

que a praca dos Martires vire monturo de lixo

e nao haja nela uma estatua sequer dos martires

aos quais foi consagrada,

(no lugar das estatuas ha armas apontadas pra quem passa)

e apesar destas ruas terem nomes dos que entregaram a cidade

aos invasores inimigos,

ao menos os poetas louvem a cidade, a praca, as ruas

e o autor d'A Normalista,

pois tal ilustre prosador cearense merece ser lembrado

como qualquer frances ou grego.

Mas, quanto aa cidade, vitima da mentira e da desordem,

tera ela ainda salvacao?

PRESPECTIVA MATINAL

Fortaleza esplende jubilo na manha de sol :
umido calor abrasa os corpos em transito,
estremecem as folhas verdes do jardim,
realca nas calcadas
o vermelho das papulas e dos flamboyans.
Sobre as ruas uma poeira fina
quando passam os pneus: o barulho dos motores
e um grito de desespero,
o povo que passa -- gado sem destino,
faminto, martirizado...
Entre o verde das folhagens, o correjo poluido vaza...
A boiada humana segue...
Esfarrapados, estropiados, cegos, raquiticos...
A multidao de miseraveis
se arrasta em volta da cathedral.

RECORDACAO DA CIDADE

A Moreira Campos

Os lampioes de gas e os terracos dos bangalos
que a fumaca escondeu no tempo.
Cataventos, estancias, chafarizes
nas pracas antigas :
rua Formosa, praca Visconde de Pelotas,*
alamedas de oitizeiros.
Jader contemplando o mar do Jacarecanga,
Sidney Neto sonhando aromas delirantes,
Mario Linhares no remanso das vilas olhando os moinhos,
Sombras de palmares, ondas azuis onde Paula Ney meditava.
Antonio Sales e os suspiros dos coqueirais,
Aluizio Medeiros e as sinfonias do mar.
Quermesses, bondes, cadeiras nas calcadas,
Pierre Luz escutando o canto de Iracema
Ruas desertas que o barulho esculhambou,
Cidade antiga que a fumaca envenenou.

- Rua Formosa - hoje Barao do Rio Branco
- Praca Visconde de Pelotas, hoje Clovis Bevilaqua.

BALADA SENTIMENTAL

Tem po na erosao do vento
do seu jugo quem e isento ?
Estudo, vida, poesia,
perpassam na ventania...
Permanece o que e de Deus
e esta vedado aos ateus.
Assim, ao sol da lembranca,
vi-me de novo crianca
pelas dunas do passado
que contemplei deslumbrado.
Lugares onde a beleza
abencoou Fortaleza.
Pela praia do futuro
onde o oceano ainda e puro
e no perimetro urbano
que nao via ha quase um ano,
encontrei uns bons amigos,
uns burgueses e uns mendigos.
Nos bares a beira-mar
respira-se ainda o ar
e nos remotos recantos
ainda restam quebrantos
que quebram no mar os prantos
dos sonhos que sonha o mar
e se vamos a vagar
nos labirintos da infancia
que se perdem na distancia,
o mundo se faz pequeno
e o coracao fica pleno
de amores, cancoes e encantos
que se transformam em cantos.

RECORDACAO DE JADER DE CARVALHO

Agora que trilhas a luz dos caminhos dos ventos,
teu canto evoca reminiscencias,
rios, acudes, ingazeiras de sertanejas,
Teu canto traz a uncao do horizonte,
estradas, veleiros, arquipelagos,
tudo sonha na silente solidao.
Jader, pastor nomade,
tua voz entoa oracao de melancolia e extase.
No voo das garcas a premonicao
e o cheiro puro da manha.
Anuncias e outono e o crepuscolo
e nos teus poemas ha um jardim iluminado,
a cancao da fraternidade pelos povos oprimidos.
Agora ouves a confissao noturna da intemporalidade,
tuas palavras tem a origem dos tempos e dos continentes.
Pela coragem, pela claridade lancada sobre as dores do mundo,
mereces honra e gloria.
Subsiste a eternidade e regressaras para ensinar a perfeicao?
Vejo-te recolhido ao mosteiro das cogitacoes,
perscrutando a saudade das casuarias,
silencios, clamores mudos ressoam em vigalias de sombras.
Quando a madrugada raia o clarao prateado
como outrora os solucantes ventos do sertao,
o sol do verao simboliza tua vida
e o luar entenece a infancia.
Agora, na casa abandonada,
ja nao espreitas as pracas de mongubeiras
nem contemplas vilarejos e fazendas,
imerso em nostalgia.
Na sala deserta visitas os que derramaram o perfume do passado.
Plantaste trigais nas felizes terras
e em revolta defendeste as classes proletarias,
clamando justica aos herois da Terra Barbara.
Agora navegas sem ancora, nos pensamentos eternos
e no acalanto de Shubert.
No vazio da nevoa, o balido do carneiro,
o violao, os navios perdidos,

vislumbres de olhos semicerrados, em prece.
Insonia povoada de noctambulos fantasmas
onde voa a pluma de soturnos versos:
o delirio da solidao.
Percebes o instante magico que os outros nao exergam,
na cotidiana aldeia, es a historia universal das civilizacoes.
A torre dos templos te transporta ao pais das tardes imemoriais.
Meditas a olhar o mar das distancias.
Adivinhas a linguagem lirica dos sinos e a licao transcendental das arvores.
Na paz das herdades, na suavidade das tardes litoraneas,
veleiros, golfos, dunas e a musica das ondas,
tudo cabe em tua alma imortal.
Agora ves os pincares nevoentos alem dos sete mares,
a peregrinar pelos territorios sem fim.
Viajas pelo desconhecido.
O vento e o guia do destino transfeito em nuvens.

MEDITACAO SOBRE O MAR DE FORTALEZA

Os bebados, os loucos, os mendigos
Caminham na pasarela em que o luar drapeja,
ciranda desvairada.
Alem da calçada dos mortos e dos barulhos da cidade,
no sorvedouro das areias
que os vulcoes borbulhantes precipitam
sobre o meu sonho de amores pela vida,
ansia nos meus olhos,
se contemplo a serenidade alem das ondas.
O sabor da tarde vaza pelos torpores do tempo.
Tarde que aprendi a sentir na infancia
recordando outros tempos
que nao pude reviver senao chorando.
O sabor da tarde me lava de ventos liricos
e sao minhas as lamentacoes do mar.
Venho reverenciar os rumores da brisa,
quisera fazer-me irmao dos segredos do seu destino
-- motivo dos meus devaneios.
Viajar nas torrentes do seu misterio,
sonhar com portos e venturas
a que minha alma anseia.

FOTOGRAFIA DO SERTAO

A Tarcisio Costa

Canteiro de cinzas, celeiro de espigas,
e arado abrasado que o aboio das brisas beija,
e sol que singra os outeiros e derrete as areias,
escaldando seixos, cigarras,
chapadas de arbustos
cercas e cataventos.
Araponga bate o martelo do dia
nos pastos do mormaco.
Acarape semeia o brejo das palmeiras levitantes.

SEARA

Pastoril de fragrancias, esplanadas,
onde o vento rebuca o novoeiro,
o terral refrigera com lufadas
a lavoura, a campina e o juazeiro
em rochedo escalvado e tabuleiro
sobre a terra da pedras, calcinada.
Os alizios temperam a gleba ardente
-sumidouro das aguas, branca duna.
A jandaia cantando e a grauna,
na lavoura ou campina arborescente,
fazem festa nas matas de repende,
sitos ferteis verdejam na fortuna
da vertende dos peixes do Acarape.
Verdes vales se enfloram nas alfombras
dos terrenos do litoral do Iguape.
No torpor dos mormacos e das sombras,
tabajaras, senhores do tacape,
na lagoa entre varzeas, Mecejana,
nos sertoes - oceanos de poeira,
na seara dos bosques de imburana,
na vazante dos rios, na ribeira,
a voragem das chuvas tomba insana.

ESTANCIA CEARENSE

O sol do Ceara e uma labareda de poeira
nos territorios do Jaguaribe e Camocim :
ciarao estival, cinza de fosseis,
cristalizado calcareo.
So os juazeiros verdejam.
Os acudes, santuarios de prata,
sorvidos na escaldante nortada.
Ao fim da tarde as graunas nos cajueiros
e a fornalha de vaporosos flocos de algodao.
Cintilam tabuleiros pedregosos
na chapada do Araripe.
Nas grotas do vale do Cariri,
sol de caldeiroes
fustigando os corredores das serras
e nos planaltos da Ibiapaba.
Abismos de luz
fervem flagelados sobre as capoeiras.
Inhamus, vairzeas de Maranguape,
dunas de Aquiras
e o fogo crepitante das latitudes.

GUARAMIRANGA

A Sanzio de Azevedo

Pelo vale a aqua corrente
do riacho na vertente
desaqua sobre o rochedo,
faz um rastro na penedo
dos matagais a lagoa
e a neblina sobrevoa
na atmosfera encantada,
cheiro de planta molhada
esparze aromas no ar.
O arvoredo a suspirar
balanca a folhagem pura,
respira toda a ternura

dos ventos do claro dia
desfrutando a brisa fria
que lava a paisagem bela
que se ve pela janela,
brilhando em suaves cores
no mago riso das flores,
aos gorjeios dos canarios.
Pelos jardins dos sacarios
esplendem verdes quintais
nos mansos vales rurais.
O laranjal refloresce
na alegria de uma prece
vem o sol radiosamente
nutrindo as frondes virentes,
ungir de paz e ventura,
de opulencia e de docura
o cortejo de esmeralda
que o horizonte desfralda.
O sol descortina o veu
que azula a face do ceu,
no ofertorio dos idilios,
acacias,jasmins e lirios
flamejantes de harmonia
bebem luz na pradaria,
reluzindo sobre tudo :
mantos de sede e veludo.
E pelos confins na serra,
brotando vida na terra,
deslizam nas acucenas
caricias leves, amenas,
Da fina aragem fremente
que sopra desde o nascente
na verdura das paragens,
grotas, varzeas e pastagens.
Nas cintilacoes de opala
ressoa amorosa fala
da viracao matutina
que a vegetacao fascina.
Rejubila toda a selva
e sobre alfombras de relva
beija as flores ea folhagem
purificando a paisagem,
arejando toda a terra

na manha fresca da serra,
serra verde, alcantilada,
no veu de nevoa incencada,
sob o azul do ceu de anil,mMurmurio primaveril
pelas fontes sussurrantes,
pelos bosques verdejantes,
nas vestidos vegetais,
nas estancias, nos currais,
pelas margens ribeirinhas,
passa o bando de andorinhas,
pousa na cerca da estrada,
nas veredas que a invernada
tornou formosas, floridas
de floracoes incendidas,
em gotas de luz ariscas,
em perolas e faiscas
de orvalho que a noite instila
na ribanceira tranquila,
na encosta que o firmamento
veste de claro ornamento
Aura benfazeja e mansa
matizada de esperanca
nos recantos de repouso
deste ambiente venturoso,
pdisagem que a natureza
enche de paz e pureza.
Colinas, prados, pomares,
passaros voam nos ares.
Do alto despenhadeiro
ve-se a copa do oitizeiro.
Jorra a cascata tranquila,
a espuma branca cintila
borbulhando sobre a pedra,
no barro encharcado medra
musgo verde e capinzal
e uma chuva de cristal
borrifa gelado orvalho
nos arbustos, no cascalho.
No espelho opaco do acude
transparece a magnitude
destes paramos azuis,
refulgindo o Deus de luz
que das alturas clareia,

tocha imortal, luz, candeia,
eterna fonte da vida.
- a minha patria perdida.
- (Guaramiranga, 29 de julho, 1985)

ARACATI

O Aracati vocifera granizos em cantaros vernais
e na ondina azulada passeia o cavalo-marinho.
Cantam uirapurus e sabias
nas chapadas de arbustos.
Ciranda de poeira vespéral.
Areias que a espuma alisa, veredas sazoadas.
O sonho de pedra dos bois repousa na encosta da colina
de votivas flores.
Canteiros, mananciais, horizontes de relva vertem
escamas de musgo na cisterna das lonjuras.
Transidos lirios na laguna como um sacrario.
O painel do dia tem tons esfumados
e asas de flores que tecem corais
nos territorios da madrugada.
Volupia dos lencois de ventos desfolham corolas,
aves de algodao e balsamos.
O dia cresce, mas o rumor de aurora ainda esta em mim...
Nos arrabaldes se abre um panorama de terracos
e os nardos do mar flutuam no espaco vivo.
A noite pode-se respirar geadas de quebrantos
na face dos transeuntes.
mas o dia e feito de asperas romas de aco
e hortela de vento.
Como o arroio dos tempos vela as folhas da arvore da alegria,
ebrios violinos transpassam de sons os sedosos querubins,
a relva, as grotas
e a alvura de sal e do luar.
Gelo de prata se recama nas praias.

A aldeia tremula seus musgos de bruma nos terracos.
Neblina so luz na manha equinocial.
Adeja, em revelacoes de cruz e fogo,
o germinal da raiz.
No poco das rochas, corpos de neve vagam no ar.

No arido sertao o Aracati sopra torrida geada
no leque das palmeiras e nas dimensoes dos abismos.

PAISAGEM DE SOL

Ve como dancam no vento os coqueiros
e o sanhacu festeja os esplendores
mergulhando no ar !
Claros lirios, fontes mansas,
a brisa respira luz.
Sonhos de horizonte no itinerario da praia.
Os dominios aereos vertem vida nos canteiros,
ha esperanca no passeio das ondas aereas,
o canto dos passaros e todo amor.
Luz matinal de transparencias e melodias,
ressonancias de limpida cintilacao,
estuarios de aragem tangendo as nuvens.

VISITA AO POETA MARIO GOMES

Em Fortaleza visito Mario Gomes na Praca do Ferreira.
Caminhamos pela rua Major Facundo
entre desocupados e alcoolatras, entre tendas de camelos
e o lodacal de folhas secas, papeis, lixo de toda especie
ao largo da Casa de Raimundo Cela
e pelos becos da Liberato Barroso.
Mario, bigodao de cobre, barrigona,
sorriso boemio e bonachao, passos largos,
bracos abertos, convida-me a filosofar
com os presidiarios e os loucos :
e horrivel saber que se vai morrer um dia...
"... o motivo das guerras e aglomeracao de ideias, profissoes,
inteligencia e aparencia."
Auto-define-se : pilantra e sem-vergonha.
" A unica virtude que tenho sao os meus vicios".
Formado na escola dos marginais,
na adolescencia frequentou o curral
e foi professor de filosofia do primario.
No "escritorio" da Praca do Ferreira,
da expediente ate anoitecer.

A noite a praça e invadida por baitolas de camisola,
e o poeta, ja bebado, recolhe-se ao Bom Sucesso,
e na sua casa, na rua Sousa Carvalho,
depois de meditar sobre o destino da humanidade,
a utilidade das moscas e a inutilidade do trabalho,
toma um neozine pra dormir sem pesadelos
e fuma um charuto nativo-artesanal
mandado ao ceu a baforada sordida da inspiracao.

EPISTOLA A JARBAS JUNIOR

Jubilo da epopeia lirica,
Apascentador de tribulacoes tremendas,
Revelas oraculos, cancoes idilicas,
Benevolamente astuto pela senda,
Afangando o Destino em arte onirica,
Semeias os canteiros da oferenda.
Vejo-te andando na revla,
Pisando a fagueira hera